

UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
CENTRO REGIONAL DE VISEU

MÁTHESIS



VISEU • 1992

AMAR PELA ACTIVA E AMAR PELA PASSIVA, OU DIALÉCTICA DO AMOR NO AUTO DO FILODEMO

SEBASTIÃO TAVARES DE PINHO

Quando se fala de platonismo em Camões, logo se associa, em geral, a esta ideia a poesia lírica das *Rimas* como o monumento exclusivo da obra camonianiana em que o Poeta testemunha a sua experiência e pensamento acerca da origem, natureza e efeitos do amor.

Mas a verdade é que a filosofia amorosa de Camões também se surpreende muito para além do espaço lírico da sua produção poética. Encontramo-la repetidamente exposta, ainda que, por vezes, sob a forma de rápidas evocações, por exemplo em alguns comentários de uma certa maledicência que caracteriza o estilo das suas cartas¹ e, sobretudo, em alguns passos da sátira cómica dos textos dramáticos, em particular do *Auto do Filodemo*. Diremos, até, que é nesta peça que o Autor exprime, de maneira mais evidente e directa que em qualquer outro lugar — como é próprio do estilo dramático —, as suas concepções sobre esta matéria. Aqui se torna particularmente clara a dialéctica estabelecida entre dois códigos de amor, mediante o contraste e a tensão vivida no diálogo entre duas das principais personagens antagónicas do referido auto, Filodemo e Duriano, que incarnam, respectivamente, o papel do amante platónico, que se compraz e define na contemplação e desejo da beleza ideal, e o amador prático, que baixa à realidade sensorial e humana.

O argumento do *Auto do Filodemo* é, na esteira das novelas medievais, o amor entre um homem (Filodemo) e uma mulher (Dionisa)

¹ Vejam-se as referências aos amores de Petrarca e Boscán na «Carta I mandada da Índia a um amigo», publicada na edição das *Rimas* de 1598, f. 192, e na carta dirigida de Lisboa a um seu amigo. Cf. LUÍS DE CAMÕES, *Obras Completas*. Com prefácio e notas do Prof. Hernâni Cidade. Vol. III, Autos e Cartas, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 3.ª edição, p. 251 e 257.